

Vestígios do Religioso no Conto de Saul Bellow: “Trocando os Pés Pelas Mãos”

Paulo Roberto Cardinelli Webler*

[pauloweb@uol.com.br]

Sinopse

O presente texto, de caráter interpretativo, situa-se no âmbito de estudos da relação entre religião e literatura e tem como ponto de partida o conto “Trocando os pés pelas mãos”, de Saul Bellow, onde se quer buscar uma aproximação de significados religiosos, tendo como eixos encaminhadores os temas da morte e do espírito. Este estudo é composto de uma introdução para situar uma análise que vai ser edificada em três partes: (1) contornos da narrativa e apresentação das personagens; (2) percepção dos nomes próprios de algumas personagens como rastros para significados religiosos; (3) reestruturação das personagens numa dimensão religiosa.

Palavras-chave: Saul Bellow; Literatura; Filosofia; Morte; Espírito; Misticismo.

Abstract

The following text, written from an interpretative point of view, is intended as a study about the relation between religion and literature. The short story “Him with His Foot in His Mouth”, by Saul Bellow, is the starting point, where we can find an approach to religious meaning based on the themes of death and the spirit. The article begins with an introduction, followed by an analysis which is divided into three parts. Part (1) shows how the narrative is constructed and presents the characters. Part (2) attempts to perceive the proper names of some characters as traces for religious meanings. Finally, part (3) offers a reconstruction of the characters in a religious dimension.

Key-words: Saul Bellow; Literature; Philosophy; Death; Spirit; Mysticism.

* Mestre em Ciência da Religião no PPCIR/UFJF.

Introdução

O objetivo do presente trabalho é fazer uma leitura de perspectiva religiosa do conto *Trocando os pés pelas mãos*, de 1974, do escritor norte-americano Saul Bellow. Essa interpretação do escrito em busca dos vestígios do religioso na obra literária fundamenta-se na relação entre religião e literatura e tem como eixo principal os temas do espírito e da morte, tendo em vista que estes encaminham para o religioso. A temática da morte é uma preocupação perene na obra de Bellow, conforme assume o escritor numa entrevista para o jornal francês *Le Monde*:

Minha insistência na morte talvez provenha do fato de que vivemos numa sociedade onde ninguém quer realmente levá-la em conta. Agarramo-nos aos prazeres como moribundos.¹

A respeito da temática do espírito pode-se afirmar que ela igualmente tem lugar de destaque nas composições literárias de Bellow. O escritor se posiciona publicamente a este respeito no discurso de recebimento do Prêmio Nobel de Literatura em 1976. Na ocasião, proclama a existência do espírito, apesar da relutância por parte dos escritores em falar disso, e justifica que talvez seja porque as línguas humanas não sejam adequadas para isso. Em seguida define o romance assim: “*É uma espécie de abrigo temporário, uma choupana onde o espírito vem buscar guarida.*”²

Os dois temas têm presença na sua produção literária de um modo geral (romances, novelas, ensaios ou contos), e a maneira como aparecem pode variar desde uma forma mais explícita a apenas uma sugestão dos mesmos. E vale acrescentar que em algumas ocasiões andam muito próximos, talvez um indicativo da possibilidade recíproca desses assuntos suscitarem-se. Particularmente, em alguns contos do autor esses temas parecem estar mais

¹ Pierre DOMMERGUES, *Saul Bellow*, p. 17.

² Saul BELLOW, *Discurso do Prêmio Nobel*, p. 117.

evidenciados para uma exegese. Uma primeira explicação, mesmo que parcial, seria o formato desse gênero literário que tem, dentre as suas características, estas apregoadas pelo escritor argentino Ricardo Piglia: “*Um conto sempre conta duas histórias. (...) Uma história visível esconde uma história secreta, narrada de um modo elíptico e fragmentário.*”³ Outra explicação: esses contos de Bellow, onde figuram os temas da morte e do espírito de uma forma mais significativa, foram criados numa fase mais madura da sua carreira. Neste sentido, é sugestivo um trecho do comentário da escritora, ensaísta e crítica literária norte-americana Cynthia Ozick ao analisar a coleção de contos de Bellow intitulada *Trocando os pés pelas mãos e outras histórias*, da qual faz parte o conto escolhido para o presente trabalho:

Para Saul Bellow, aos 68 anos de idade, e com seu discurso do Nobel oito anos defasado dele, o momento da decifração é agora, e a decifração em si mesma surge inesperadamente na forma de um volume de cinco histórias que inspiram pavor, ainda que incompletas. Pelo menos uma delas declaradamente um fragmento, e nenhuma maleável o suficiente para alcançar um “fim” verdadeiro.⁴

As palavras de Cynthia Ozick, além de sinalizar para esse aspecto etário do escritor, que proporcionaria experiência de vida e maturidade literária, também soam como um desafio para a interpretação desses contos, mesmo com um alerta para o risco de um possível hermetismo dos contos. Isso poderia apontar também para um reconhecimento do caráter inconcluso da empreitada do hermenauta⁵, que deve estar presente desde o início nos trabalhos de

³ Ricardo PIGLIA, *Teses sobre o conto*, p. 37.

⁴ Cynthia OZICK, *Farcical Combat in a Busy World*, p. 235: “For Saul Bellow, at age 68, and with his Nobel speech eight years behind him, the moment for decoding is now, and the decoding itself turns up unexpectedly in the shape of a volume of five stories, awesome yet imperfect, at least one of them overtly a fragment, and none malleable enough to achieve a real ‘ending’.”

⁵ Sobre a tarefa hermenêutica é oportuno citar as considerações de Maria Angélica Santos SOARES, no capítulo intitulado *A crítica*, p. 119: “Linguagem *com* e não linguagem *sobre* a obra, a tarefa hermenêutica se processa como um trabalho de criação, que ultrapassa os limites do dito e penetra pelas entrelinhas, indagando no Silêncio, o sentido que ultrapassa as possibilidades denotativas e conotativas do código lingüístico. (...) A razão hermenêutica seria, portanto, **conscientemente inconclusa e antiimpositiva**, mantendo, muitas vezes, a pergunta como única resposta possível” [grifo meu].

interpretação, especificamente neste em que se busca acesso a significados religiosos.

A obra de Bellow é marcada por dois elementos importantes que não devem ser menosprezados na análise do conto. O primeiro é a inserção deste escritor no naturalismo literário americano. Um naturalismo com características próprias, que recebeu influências do romantismo e do transcendentalismo, entre outras, e que não quer se mostrar fechado para o religioso, pois, diferentemente do naturalismo francês de Zola, “*conseguiu desligar-se de compromissos ideológicos*”, conforme palavras de Otto Maria Carpeaux na sua *História da Literatura Ocidental*.⁶ O segundo elemento é a rica herança cultural hebraica que Bellow carrega e que tem lugar nos seus trabalhos. Entretanto, este ponto de partida, ou centro, numa cultura específica, não significa um reducionismo, ou seja, as personagens do autor norte-americano refletem as dúvidas e as perplexidades que afligem o ser humano contemporâneo de qualquer cultura.

Quanto à apresentação do presente estudo, fundamentada na história já apontada no início, optou-se por dividi-lo em três seções. A primeira tem o objetivo de traçar os contornos da narrativa e expor as personagens, com destaque para o personagem principal em torno do qual os demais orbitam, e ainda citar passagens significativas num panorama que possa evidenciar pistas para uma leitura religiosa, ou seja, que procure reconhecer e avizinhar-se dos significados religiosos. Na segunda seção a investigação vai se deter nos nomes de alguns personagens, na medida em que suas possíveis significações podem tornar mais compreensíveis pontos enigmáticos do conto em questão. Por fim, a terceira seção, inclusive a partir de colocações das duas primeiras seções, buscará rearticular as personagens numa perspectiva onde possíveis papéis dissimulados possam se desvelar, em conformidade com a nova leitura da obra.

1 Contornos da Narrativa e Apresentação das Personagens

O conto *Trocando os pés pelas mãos* é apresentado através de uma fórmula epistolar, ou seja, através de uma descomunal carta que vai preencher

toda narração. A missiva é escrita pelo irônico compulsivo Herschel (“Harry”) Shawmut, personagem principal e também narrador, um professor universitário, instrutor de belas artes e especializado em história da música. Já a destinatária é Carla Rose, bibliotecária que foi vítima de uma piada de mau gosto deste, trinta e cinco anos atrás. Testemunha do episódio, Edward (“Eddie”) Walsh, professor de literatura na mesma universidade e aparentemente um grande amigo na época, agora lhe envia uma carta acusatória sobre o mal que ele causou à senhorita Rose e do qual ela não poderia se refazer nem em mil anos. Esta acusação não poderia chegar em pior hora para Shawmut: idoso, com problemas de saúde, choroso pela morte da esposa e na iminência de ser extraditado do Canadá de volta aos Estados Unidos da América, devido ao envolvimento com questões legais e financeiras após o desfecho de uma sociedade com o irmão desonesto. É importante salientar que esses atos de desferir piadas ofensivas mostram-se uma constante na vida de Shawmut. Porém, no caso que envolveu a senhorita Rose, conforme ele vai confessar, a injúria foi gratuita. Pode-se examinar melhor isso na lembrança dos acontecimentos para a vítima:

Muito bem, senhorita Rose. A senhorita saiu da biblioteca para respirar um pouco e está com os braços cruzados, apoiada numa coluna grega. Para aumentar a estatura, Walsh usa um penteado com topete alto. De modo algum seria possível pôr um chapéu sobre ele. Mas eu estou com um boné de beisebol. Então, senhorita Rose, a senhorita me diz, com um sorriso: “Oh! Dr. Shawmut, com esse boné parece um arqueólogo.” Antes de ter tempo para pensar, respondo: “E a senhora parece uma coisa que acabo de desenterrar.”⁷

⁶ Otto Maria CARPEAUX, *História da Literatura Ocidental*, p. 3407.

⁷ Saul BELLOW, *Trocando os pés pelas mãos*, p. 14; Saul BELLOW, *Him with His Foot in His Mouth*, p. 9: “Now, Miss Rose, you have come out of the library for a breath of air and are leaning, arms crossed, and resting your head against a Greek column. To give himself more height, Walsh wears his hair thick. You couldn’t cram a hat over it. But I have on a baseball cap. Then, Miss Rose, you say, smiling at me, “Oh, Dr. Shawmut, in that cap you look like an archaeologist.” Before I can stop myself, I answer, “And you look like something I just dug up.” [A partir daqui, as referências a estas obras serão feitas apenas por número de página, tanto no texto quanto no rodapé, que constará entre parênteses ao final de cada citação para a obra traduzida e entre colchetes quando for utilizada a obra original em inglês.

O remoque desfechado contra a senhorita Rose era uma lembrança que sempre fazia Shawmut sentir-se mal, mesmo antes da acusação de Walish. Entretanto, aquilo que vai preponderar para pôr em execução a feitura da carta, além da culpa e do momento adverso em que se encontra, é o fato de estar, há meses, confabulando com a senhora Gracewell, leitora de Swedenborg⁸ e de outros escritores do oculto. A partir dessas conversas, repletas de concepções sobre as forças misteriosas do universo, tenta-se responder a questões sobre morte, espírito⁹, entre outras, que vão ser muito importantes para Harry tentar situar seu enigmático e irresistível desejo de proferir ofensas para os outros, sem esquecer que, no caso das insinuações da senhora canadense estarem certas, é preciso iluminar os fatos:“. Nesta vida, entre o nascimento e a morte, enquanto há tempo de fazer correções...” (p. 10).

Não há dúvida que essa carta para senhorita Rose, primeira escrita por Shawmut em sua vida para pedir desculpas, tem um caráter de catarse: “A senhorita é o motivo da minha auto-análise” (p. 34). O endereço da destinatária foi conseguido com a senhorita Da Sousa, que trabalhou com ambos no passado e que escreveu para Harry quando soube de seus problemas “fúteis e embaraçosos” (p. 11) pelos jornais. Informou-lhe, também, que a senhorita Rose estava aposentada, fazendo-o refletir sobre a própria impossibilidade de conseguir esse benefício:

Talvez, eu não vá para prisão, mas terei de trabalhar pelo resto da vida, morrerei agrilhado, com insólitos grilhões arrastando minha carga para um pico estranho. (p. 11 [5-6].)

Nas descrições que Shawmut vai fazer da senhorita Rose, do seu mister e da própria biblioteca, poderiam se destacar alguns elementos que chamam a atenção: a biblioteca tem um “estilo Renascimento Grego” (p. 13), onde a senhorita Rose, “a subsacerdotisa daquele templo” (p. 17), numa “zona de

⁸ Emanuel SWEDENBORG, filósofo, cientista e místico sueco, que vai ser importante referência na presente análise.

⁹ “Ela sustenta (e é difícil, para um homem com mais de sessenta, ignorar esse tipo de sugestão) haver outra vida além desta na qual sofremos toda a dor que causamos agora. Experimentaremos todo o mal feito aos outros, porque, depois da morte, as experiências se invertem. Entramos nas almas das pessoas que conhecemos durante nossa vida. Elas também entram nas nossas e

silêncio”, tem “a incumbência de fazer circular os êxtases ilegais de outras pessoas” (p. 11), talvez porque ela e as bibliotecárias em geral não sejam “dadas à leitura” (p. 17). E, ainda, não se pode deixar de destacar a disposição da Senhorita Rose no momento em que antecedeu “aquela piada de mau gosto” (p. 19). Mesmo sem saber com quem falava, dirigiu um louvor para Shawmut para dar a sua “benção” (p. 19).

Como nenhum outro personagem, Walish, o acusador, é focalizado na carta para a senhorita Rose com riqueza de detalhes. O seu aspecto é bastante peculiar: baixo, manquitola, com uma perna mais curta que a outra, a coluna próxima de desmoronar. Cabelo alto e espesso, penteado para cima, com o objetivo de aumentar a estatura, sem esquecer dos fios que crescem nas orelhas semelhantes a fios de catagute. Têm olhos cheios de calor, uma risada com certa maldade, que sai não somente pela boca, que parece recortada numa abóbora, mas também pelo nariz (p. 14; 16). Por outro lado, as idiossincrasias de Walish e seu relacionamento com o missivista parecem marcar um aspecto dúbio. Apesar de saber da propensão de Harry para “os ataques” (p. 15), Walish o estimula a prosseguir quando tem a percepção que os mesmos vão acontecer, precavendo-se de não ser acusado como co-autor e sem deixar de recriminar o amigo, com um “riso satírico de Pan” estampado no rosto (p. 15). O mesmo Walish que para ganhar sua confiança confidenciou-lhe não ser um verdadeiro ianque (p. 14) se encarrega de contar para todo o campus a chalaça proferida para a senhorita Rose. E, depois de tanto tempo, “esperou até o fim” (p. 26): manda-lhe uma carta, ou melhor, um dossiê detalhado do período que eram “companheiros” (p. 16). A seguir, uma reflexão de Shawmut a respeito de Walish:

Na Universidade Ribier, gostávamos um do outro. De certa forma, sentíamo-nos amigos. Porém, na verdade, sua intenção era ser meu inimigo mortal. Enquanto agia como um aliado dedicado e precioso, estava cevando minha alma numa gaiola, até ficar pronta para o abate. Meu sucesso em musicologia foi demais para ele. (p. 17 [12].)

julgam-nos dentro de nós mesmos” (p. 9-10).

Se Walish era o instigador, Gerda, a falecida mulher de Shawmut, ao contrário, assumia uma posição de defesa do marido com relação a seus “acessos”. Apesar de padecer com a situação, arrogava-se o dever de remediar as conseqüências dos seus atos e proteger o nome do marido. Austríaca de nascimento, refugiada, “irredutível e obstinada” com os preceitos, além de ser possuidora de uma graça que remetia para um tempo passado, havia em sua cor de pele alguma coisa não propriamente de nossa época. Tinha os olhos ligeiramente salientes, que não se constituíam num defeito, eram antes uma das particularidades que Harry mais apreciava nela (p. 31-32). No entanto, ele agora tinha que se conformar: “A morte havia tirado Gerda de circulação, foi amortalhada e guardada para sempre”. (p. 31.)

Dentre as pessoas que Shawmut faz menção em sua carta, não se pode deixar de destacar o irmão Philip, que traçou como objetivo de vida uma americanização completa, com a indispensável ajuda da mulher Tracy (p. 50), sem deixar de repudiar as origens familiares (p. 41). Depois de tomar conhecimento da pequena fortuna de Harry, conseguida com o livro que escreveu sobre música, vai propor-lhe uma sociedade num ferro-velho, negócio que depois se mostrará desastroso (p. 42). Philip (Philly), para convencer o irmão, por um instante “voou para o ídiche” (p. 42), para finalmente conseguir o sim, aproveitando seu estado “embriagado de sentimento” (p. 42). Contudo, irmão desonesto de Shawmut, guiado pela esposa no processo de americanização, parece não ter alcançado seu propósito:

Para alcançar esse privilégio (obsoleto), pagou com a própria alma. Mas, na verdade, talvez ele jamais teve certeza de possuir uma alma. Ele se ressentia de minha insistência em afirmar a existência das almas. O que eu era, um protestante, um rabino, ou coisa assim? (p. 50 [50].)

Por fim, não se poderia deixar de mencionar a senhora Gracewell, mestre espiritual de Shawmut. As suas “idéias curiosas” (p. 67) vão ser absorvidas por Harry e servir de fundamento para as considerações que quer encetar. Ele vai mencionar, na carta para senhorita Rose, algumas destas opiniões diretamente.

Outras vão estar subentendidas em seus comentários, e são pistas para entender a sua retrospectiva de vida, sob o prisma de uma “maldição” (p. 66). A companhia do professor de história da música deixa a velha senhora satisfeita, é que ela não recebe muitas visitas:

Poucos visitantes querem ouvir falar sobre o Espírito Divino, mas estou seriamente disposto a meditar sobre suas descrições misteriosas e intrigantes. (p. 67 [69].)

2 Percebendo os Nomes de algumas Personagens como Rastos

Em que pese o risco da tradução, particularmente com relação aos nomes, tem-se o entendimento que seus possíveis significados podem ser aliados nesta interpretação do conto de Bellow. E, ainda, com relação à tradução, seria interessante uma reflexão sobre o tema do crítico literário George Steiner:

Se a crítica pressupõe completa reação a um texto, completa posse, como pode um crítico esperar poder lidar com maturidade com algo que não seja sua própria língua? Não há dúvida de que há uma rigorosa honestidade nesta posição. Mas pode ser exagerada. Como poderiam, por exemplo, muitos críticos referirem-se a marcos tão dominantes, tão inevitáveis como a Bíblia, Homero, Dante ou Goethe, se não se apoiassem, em um caso ou em outro, na muleta da tradução? E não será dever do crítico valer-se, pelo menos de um modo imperfeito, de outra língua — nem que seja para sentir os contornos que definem a sua própria?¹⁰

No entanto, os nomes aqui analisados não somente objetivam uma certa tradução, numa tentativa de guardar os matizes da língua original, mas também buscam alguma referência significativa. No nome do personagem principal do conto, Herschel (“Harry”) Shawmut, o primeiro a ser colocado em foco, isto vai

¹⁰ George F. R. STEINER, *Leavis*, p. 240-1.

ficar mais claro. Herschel é um nome que tem origem no ídiche. Hersh traduz-se por veado nessa língua¹¹, mas na narrativa esse nome poderia ser uma alusão ao astrônomo inglês, de origem prussiana, Sir Frederik William Herschel (antes Friedrich Wilhelm), cientista que, da mesma maneira que o personagem, recebeu influências de Swedenborg¹² (influências científicas no caso de F. W. Herschel) e também foi músico, sem esquecer que a astronomia simboliza preocupação com um mundo além, um olhar para o desconhecido.

Contudo, é o apelido do professor que teria um sentido mais evidente na tradução¹³. Harry seria aquele que insulta os outros, em sucessivos ataques, com “suas punhaladas sádicas” (p. 15), nas palavras de Walsh. Já Shawmut, por seu turno, é um nome que poderia apontar uma dualidade interessante¹⁴, alguma coisa que é formada por uma parte aparente e outra não, levando-se a crer que só uma existe.

Na condição de guru, ou guia espiritual, de Shawmut, a senhora Gracewell tem um nome que não esconde a sua importância na história¹⁵: significa a fonte de graça. A senhorita Carla Rose é outro caso de adequação entre nome e papel da personagem, pelo menos nessa perspectiva de interpretação¹⁶. Pode-se dizer que seu nome transmite a idéia que indica bem sua situação no conto, ela é aquela que foi desenterrada, e sua cova, ou sua clausura, estaria na biblioteca.

Não foram somente estes casos acima que guardaram sintonia do nome com o temperamento da personagem. Gerda¹⁷, o nome concedido à esposa de Shawmut, de origem escandinava, apesar da personagem ter nascido na Áustria, vai sinalizar uma mulher com forte sentido de proteção. Na mitologia escandinava é o nome da filha do gigante que corteja com o deus da paz¹⁸, no conto a

¹¹ Connie Lockhart ELLEFSON, *Nomes de bebês de todo o mundo*, p. 129.

¹² George TROBRIDGE, *Swedenborg: vida e ensinamentos*, p. 173.

¹³ Cf. *Webster's encyclopedic unabridged dictionary of the English language*, p. 648 “harry, v.t., 1. to harass, annoy, or prove a nuisance to by repeated attacks”.

¹⁴ *Ibid.*, p. 1312: “shaw, n., 2. Scot. the stalks and leaves of potatoes, turnips, and other cultivated root plants”; p. 944: “mut., 2. mutual” [grifo meu].

¹⁵ *Ibid.*, p. 612: “Grace, n., 8.c. a virtue or excellence of divine origin”; p. 1619: “well, adj., 10. with good nature”.

¹⁶ *Ibid.*, p. 226: “Carrel, n., a small recess or enclosed area in a library stack, designed for individual study or reading”[por similaridade fonética]; p. 1236: “rise, v., n., 14. to ascend above the horizon, as a heavenly body”[o pretérito do verbo rise é rose].

¹⁷ Connie Lockhart ELLEFSON, *Nomes de bebês...*, p. 201.

¹⁸ *Webster's encyclopedic...*, p. 593: “Gerda, n., *Scand. Myth.* The daughter of a giant and the

preocupação de Gerda em tomar a defesa do marido está evidente. Assim, também no caso do irmão do personagem principal, Philly,¹⁹ existe um paralelismo entre a referência suscitada pelo apelido e as características do personagem, ou seja, uma pessoa com propensões anormais.

Por último, o nome do personagem que se ocupa em acusar, Edward (Eddie) Walsh, é colocado em evidência. Num encontro desses nomes que o personagem recebeu, incluindo o apelido, poderia conjecturar-se que ele seria um protetor²⁰ às avessas, que recolheria meticulosamente²¹ os dados para acusação e que em relação ao seu aspecto físico²² teria algo de demoníaco.

3 Reestruturação das Personagens numa Dimensão Religiosa

No itinerário percorrido até aqui, os fios condutores escolhidos para análise, os temas da morte e do espírito, foram apenas sugeridos. Nesta seção final do trabalho se quer ancorá-los ao conto, com o objetivo de evidenciar a capacidade que esses temas têm de encaminhar para o religioso, principalmente quando entrelaçados. Sem perder de vista o universo das personagens do conto, que é o ponto de partida e de chegada, vislumbrado-se, no entanto, a possibilidade de um redimensionamento da trama, sugestionado pela interpretação. Nesse sentido, seria importante destacar duas questões importantes nas reflexões de Shawmut.

A primeira questão, ou pano de fundo no conto, é uma crítica ao mundo das aparências que ele observa na sociedade americana, “uma civilização demótica e híbrida” (p. 37), onde o que importa é o dinheiro, “quase um atributo sagrado” (p. 35), e para consegui-lo deve-se construir um “eu falso como todo mundo” (p. 16), uma sociedade em que a sinceridade e a autenticidade estão na

consort of Frey who wooed her through his servant Skirnir”; p. 568: “Frey, n. *Scand. Myth.* the god of peace (...)”.

¹⁹ *ibid.*, p. 1081: “- philia, a learned borrowing from Greek used in pathological terminology to indicate an abnormal liking for or a tendency toward something” [por similaridade fonética].

²⁰ Connie Lockhart ELLEFSON, *Nomes de bebês*, p. 111. “Edward, do inglês antigo, guardião rico” [riqueza de artimanhas?].

²¹ *Webster’s encyclopedic...*, p. 1605: “wale, n., v., *Scot. and North Eng.*, 1. that which is selected as the best; choice” [por similaridade fonética].

²² *ibid.*, p. 453: “eddy, n., 3. any similar current, as of air, dust, or fog” [por similaridade fonética e

superfície (p. 29). Assim, Harry vai refletir, em várias ocasiões, sobre o desconforto em se situar nesse mundo de simulacros. Isso fica claro, quando narra, em detalhes, sua visita à mãe, numa casa de repouso, e incomoda-se com a mobília e as samambaias do quarto, feitas de material sintético:

O fato de não ser capaz de dizer ao primeiro olhar se eram reais ou não, constituía um reflexo do modo como eu me relacionava com a realidade. (p. 57 [57-58].)

Nesse contexto, onde um mundo de aparências é examinado, em conjunto com uma “insistência em afirmar a existência das almas” (p. 50), sem esquecer a reflexão sobre a morte ou o “fim da linha”, “nos arredores da Cidade da Vida” (p. 64), é difícil não enxergar uma alusão a Platão. Principalmente quando se observam outras expressões utilizadas por Harry na carta para a senhorita Rose. Ele fala, por exemplo, de uma entrevista de Ginsberg²³ a T. S. Eliot²⁴, na qual o poeta estaria “nas águas da morte”²⁵ (p. 21). Depois em outro trecho afirma: “Se existe um **demiurgo**²⁶ a inspirar minha linguagem abusiva” ele teria sido atraído pelo ídiche (p. 23). É oportuno lembrar que um dos diálogos de Platão, o *Fédon*, trata da imortalidade da alma, mostrando Sócrates com seus discípulos, nos momentos que antecederam à sua morte, onde ele expõe a doutrina do mundo das idéias²⁷. Antes de prosseguir, é importante observar que alma aqui é entendida como *pneuma*, ou sopro animador, equivalente ao conceito de espírito²⁸. Depois de traçar essa aproximação com a tradição platônica, poderia ficar a impressão de um distanciamento do religioso presente no conto, nesse caso um esclarecimento sobre a religião na Grécia antiga seria útil:

de grafia].

²³ Poeta norte-americano, arauto da chamada geração *beat*.

²⁴ Poeta inglês de origem norte-americana, ganhou Prêmio Nobel de Literatura de 1948.

²⁵ PLATÃO, *Fédon*, p.120-121.

²⁶ Jacqueline RUSS, *Dicionário de filosofia*, p. 61: “Em *Platão*, a divindade que organiza o mundo dando-lhe forma.” [grifo meu].

²⁷ PLATÃO, *Fédon*, p. 57-126. Platão considerava tudo neste mundo, sem exceção, uma cópia efêmera, decadente (um mundo de aparências), de algo cuja forma ideal existiria de uma maneira fora do espaço e do tempo. Uma divisão da realidade em duas partes: o nosso mundo de aparências e um mundo transcendente.

²⁸ Nicola ABBAGNANO, *Dicionário de filosofia*, p. 335.

Na tradição platônica, a filosofia é uma religião e a religião é uma filosofia. Apenas uma questão de tônica indica se um ramo do platonismo se desenvolverá numa direção mais abstrata ou se acabará por abrir-se para o culto ou **para o mistério**.²⁹

A segunda questão é a importância no enredo da senhora Gracewell, a “velha senhora swedenborgiana” (p. 16). Shawmut cavalga com ela nuvens esotéricas (p. 50), e seus ensinamentos o ajudam na auto-análise. Ela é leitora de escritores do oculto, porém a única referência explícita é para Swedenborg, portanto, considerado uma pista segura para a interpretação. Assim como o missivista do conto, ele também tem interesse na alma. Este filósofo, cientista, depois místico, tinha o desejo obstinado de localizar a alma e descrever como seria seu funcionamento³⁰. Primeiramente, o fez com base nos estudos de anatomistas de sua época, mas depois suas palavras sobre a alma são inspiradas em suas associações com espíritos e anjos, no acesso que tem ao outro mundo, conforme vai relatar em seus livros.³¹ Também nesse sentido, Harry se aproxima de Swendenborg, e vai dizer o seguinte em uma de suas reflexões finais na carta para a senhorita Rose:

O intelecto, adorado por todos, leva-nos até a ciência natural, e essa ciência, embora grandiosa, é incompleta. (p. 68 [69].)

Outro aspecto interessante, nos escritos do místico sueco, é a semelhança com conceitos do legado platônico, como pode ser observado neste trecho onde é explicada sua *doutrina das correspondências*:

Todo o universo é, de fato, “o invólucro temporal do Eterno”, inteiramente simbólico. “Todas as coisas visíveis são simbólicas”, pois são criadas em perfeita correspondência com idéias Divinas. A ciência das correspondências é a ciência que nos permite compreender a realidade interior.³²

²⁹ Mircea ELIADE e Ioan P. COULIANO, *Dicionário das Religiões*, p. 163 [grifo meu].

³⁰ George TROBRIDGE, *Swedenborg: vida e ensinamentos*, p. 50-1.

³¹ *ibid.*, p. 63.

³² *ibid.*, p. 113.

É a partir desses elementos que se pode tentar compreender Herschel Shawmut e o seu *Fatum*,³³ um dos nomes usados para sua “vontade de ofender” (p. 38). Diga-se a propósito, da gama de nomes usados por ele para isso: ataques, êxtase, possessão demoníaca, frenesi, loucura divina, maldição, entre outros (p. 38). Então, talvez a definição melhor para seu problema seja aquela que ele deu após ofender um dos advogados que iria representá-lo, que por sinal desistiu do seu caso, mas não lhe devolveu os vinte e cinco mil dólares que eram parte de seus honorários (p. 38):

Não posso dizer *por quê*. É um mistério. (p. 38 [36].)

No entanto, quando se trata de sentimento, a sua observação é outra, conforme fica claro no comentário que faz sobre Ginsberg:

Essa visão psicopata, comovente porque, na verdade, há muito que temer, e também por causa da fome de bondade nela refletida, essa defesa absurda da beleza tem muito mais valor para mim do que para Walish, meu acusador. **Eu compreendo.**³⁴ (...) Sou um admirador de Ginsberg mais desinteressado do que Eddie. Por assim dizer, Eddie chega à mesa com o ancinho do crupiê. Ele trabalha para casa, desliza na superfície da poesia, não mais que isso (p. 21-22 [17]).

Esse *Sentimento*, que poderia ser chamado de místico-religioso, é chave nesta busca de elucidar o conto. E sinaliza também um resgate, através de pensadores místicos como Platão e Swedenborg, de um naturalismo que foi desprestigiado. Nesse sentido, como foi colocado no início, é que Bellow exemplifica um autor inserido no naturalismo literário americano. Não se pode deixar de citar a reflexão mais esclarecedora de Harry, para entender o conto nessa perspectiva:

³³ “*Fatum* significa que em todo o ser humano exista algo inacessível à revisão. Esse algo é incapaz de apreender *qualquer* coisa (p. 36).”

A redenção da *mera* natureza é um trabalho de sentimento [algo de intermediário, acima do intelecto] e de olhos despertados do Espírito. [olho interior, místico, que é de Deus] (p. 68 [69]).

Assim, somente um sentimento que venha do âmago de Harry, similar ao que ele experimenta ao reger o *Salomão* de Handel, que o faz subir “para o sublime” (p. 60), poderia dar algum sentido aos seus “acessos” (p. 31), desencadeados como reação ao mundo das aparências que ele não suporta. Neste painel de referências, o *Sentimento* assume uma significação próxima a de Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher, que o considera como uma espécie de órgão, por excelência, da religião, somente este poderia revelar o Infinito, em suas palavras: “A *praxe é arte, a especulação é ciência, a religião é sentido e gosto pelo infinito.*”³⁵

De outra parte, como se pode entender o chiste desferido contra a senhorita Rose, motivo condutor do conto, única exceção, ao que parece, que não teve nenhuma “inspiração” (p. 15) ? E o mais significativo: por que o silêncio dela como reação depois da ofensa recebida? A explicação simplista de Harry: de que “quanto melhor a pessoa, menos se ofende” (p. 66), não é suficiente. O fato é que essa ausência, exterior, de reação, vai levar Harry, pela via do *Sentimento*, a importantes descobertas sobre si mesmo e que resultam numa “comunhão” (p. 66), onde o outro não fala. Em outras palavras, o silêncio representa no conto a abertura para o mistério, ou utilizando uma definição desta palavra do filósofo alemão Karl Jaspers: “a *atitude em face do ser da Transcendência.*”³⁶

Um *Sentimento* de outra natureza, ou seja, em sentido inverso, encaminharia até Walish, o amigo que meditou “com *ressentimento*”³⁷ sobre o caráter de Harry durante décadas (p. 20). É, sem dúvida, depois de receber as suas acusações, um dossiê detalhado sobre as piadas, que o professor, a um passo da extradição, vai esboçar a carta para a senhorita Rose. Então, o amigo que Shawmut “achava misterioso” (p. 18), um aparente espírito maligno ou

³⁴ [grifo meu].

³⁵ Friedrich D. E. SCHLEIERMACHER, *Sobre a religião: discursos a seus menosprezadores eruditos*, p. 35.

³⁶ Nicola ABBAGNANO, *Dicionário de filosofia*, p. 863.

³⁷ [grifo meu].

demoníaco³⁸, vai acabar desencadeando uma graça, assumindo o papel de espírito benigno, ou de um anjo, mesmo que involuntariamente.

Por fim, uma das reflexões do invulgar professor de música, na missiva para a senhorita Rose, mostra o seu reconhecimento da importância “de ficar de boca fechada” (p. 34). Assim, ele pergunta: “(...) qual o sentido de dizer certas palavras escolhidas quando as palavras mergulharam na vulgaridade e na decadência?” (p. 34; 35). O Sentimento místico-religioso que o silêncio da senhorita Rose desperta parece central no conto. E encerra-se este breve trabalho com a reflexão de Georges Steiner sobre o silêncio, em artigo intitulado *O repúdio à palavra*:

O mais elevado e puro grau do ato contemplativo é aquele em que se aprendeu a abandonar a linguagem. O inefável encontra-se além das fronteiras da palavra. Somente com a ruptura das muralhas da linguagem a prática visionária poderá penetrar no mundo da total e imediata compreensão.³⁹

Referências bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Trad. coordenada e revisada por Alfredo Bosi, com a colaboração de Maurice Cunio et al. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

BELLOW, Saul. Discurso do Prêmio Nobel. In: _____. *Tudo faz sentido: do passado obscuro ao futuro incerto*. Trad. Rubens Figueiredo. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

_____. Trocando os pés pelas mãos. In: _____. *Trocando os pés pelas mãos e outras histórias*. Trad. Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. Him with His Foot in His Mouth. In: _____. *Him with His Foot in His Mouth and Other Stories*. New York: Pocket Books, 1985.

³⁸ George TROBRIDGE, *Swedenborg: vida e ensinamentos*, p. 70, cita Swedenborg: “Os seres humanos podem ser facilmente desencaminhados por outros tipos de espírito (por exemplo, espíritos malignos) que se apresentam aos homens segundo a qualidade do amor de cada um”. [Sentimento].

³⁹ George STEINER, *O repúdio à palavra*, p. 30.

- CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, vol. VII, 1966.
- DOMMERGUES, Pierre. Saul Bellow. In: DELPECH, Bertrand-Poirot et al. *Entrevistas do Le Monde: Literaturas*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Editora Ática S.A., 1990.
- ELIADE, Mircea; COULIANO, Ioan P. *Dicionário das religiões*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ELLEFSON, Connie Lockhart. *Nomes de bebês de todo o mundo*. Trad. Maria Clara de B.W. Fernandes. Rio de Janeiro: Ediouro S.A., 1993.
- OZICK, Cynthia. Farcical Combat in a Busy World. In: BLOOM, Harold. (ed.). *Saul Bellow*. New York: Chelsea, 1986.
- PLATÃO, *Diálogos*. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Trad. e notas de José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- PIGLIA, Ricardo. Teses sobre o conto. In: _____. *O laboratório do escritor*. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Iluminuras, 1994.
- RUSS, Jacqueline. *Dicionário de Filosofia*. Trad. Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora Scipione Ltda, 1994.
- SOARES, Angélica Maria Santos. A crítica. In: SAMUEL, Rogel (Org.). *Manual de Teoria Literária*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- TROBRIDGE, George. *Swedenborg: vida e ensinamentos*. Trad. Raimundo Araújo Castro Neto. Rio de Janeiro: Sociedade Religiosa "A Nova Jerusalém", 1998.
- SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. *Sobre a religião: discursos a seus menosprezadores eruditos*. Trad. Daniel Costa. São Paulo: Novo Século, 2000.
- STEINER, George. F. R. Leavis. In: _____. *Linguagem e silêncio: ensaios sobre a crise da palavra*. Trad. Gilda Stuart e Felipe Rajabally. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- STEINER, George. O repúdio à palavra. In: _____. *Linguagem e silêncio: ensaios sobre a crise da palavra*. Trad. Gilda Stuart e Felipe Rajabally. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- WEBSTER'S ENCYCLOPEDIA UNABRIDGED DICTIONARY OF THE ENGLISH LANGUAGE. New Jersey: Gramercy Books, 1989. 1854 p.